



CONTRAESPAÇOS DIGITAIS: O ÍNDICE FOTOGRÁFICO COMO MOVIMENTO DE RESISTÊNCIA

Digital counterspaces: the photographic index as a movement of resistance

FROTA, Rafael

Mestrando; Programa de Pós-Graduação em Design – EBA/UFRJ (PPGD EBA/UFRJ)
rafaelfrota@ufrj.br

SILVA, Jofre

Doutor; Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA/UFRJ)
jofre@eba.ufrj.br

RESUMO

Michel Foucault (2013) define *heterotopia* como uma espécie de contraespaço – um lugar absolutamente diferente, que não só se opõe a todos os outros, mas que também tem por objetivo neutralizá-los ou purificá-los. Eles podem tanto ser reais, como os cemitérios, os asilos e as casas de prostituição, quanto ilusórios, como os espaços virtuais criados pela reflexão de um espelho, por uma conversa ao telefone ou, sobremodo, pela internet. A recente pandemia de COVID-19 mostrou mais uma vez ao mundo a capacidade que os indivíduos têm de construir heterotopias que os possibilitam existir. E dessa vez, a internet foi o sustentáculo desses movimentos de resistência. A fotografia *on-line*, realizada a distância por meio da internet, é um claro exemplo dessas heterotopias: um índice de contraespaços que tornou possível a criação de experiências visuais outras, mesmo em meio a uma rigorosa imposição de distanciamento social. É importante que se destaque que o uso da internet para esse fim não nasceu em meio à pandemia, mas foi ela que o legitimou. Dificilmente a fotografia *on-line* conseguiria esse feito se não fosse por um desastre em escala global que impediu a sociedade de conviver da maneira habitual.

Sendo assim, fotógrafos e modelos conseguiram transformar essa modalidade em um nicho especializado. Entretanto, seria ainda hoje justificada a existência da fotografia *on-line*? Ela foi apenas um exercício de criação em tempos de pandemia ou é, de fato, uma nova modalidade que veio para ficar? Seja qual for a resposta, um fato é certo: novos e importantes pontos de vista foram trazidos para o debate sobre a semiótica da fotografia, tanto a peirceana quanto a noção de *studium* de Barthes (2018), por exemplo. O presente trabalho aborda signos visuais como movimentos de resistência do corpo e do espaço a partir das possibilidades técnicas, estéticas, poéticas e conceituais da fotografia *on-line*. Para isso, foram desenvolvidos ensaios fotográficos a partir de sessões de videochamada. Capturadas por meio do processo de *refotografia*, as imagens foram trabalhadas de modo a buscar nas limitações de recursos do meio, tais como baixa definição, *moiré*, aberrações cromáticas e alta granulação, sua possível identidade plástica. Em conjunto com a imposição de efeitos de múltiplas exposições, baixas velocidades de captura e colorização por inteligência artificial, essas imagens, tal como um caleidoscópio, provocam uma sucessão de efeitos visuais que remetem ao movimento, à mudança constante e à beleza criada pela combinação de elementos singulares. Assim também são nossos processos de subjetivação no momento da interpretação da imagem: cada giro traz novos sentidos e experiências estéticas.

Palavras-chave: design; fotografia; contraespaços; índice; studium

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.